

IV
FE
DO

711.46098152056
C397F
5911/83
0644

CONVENIO

644

circula

AO

CENTRO
CULTURAL
PORTO DE SÃO MATEUS

PORTO DE SÃO MATEUS

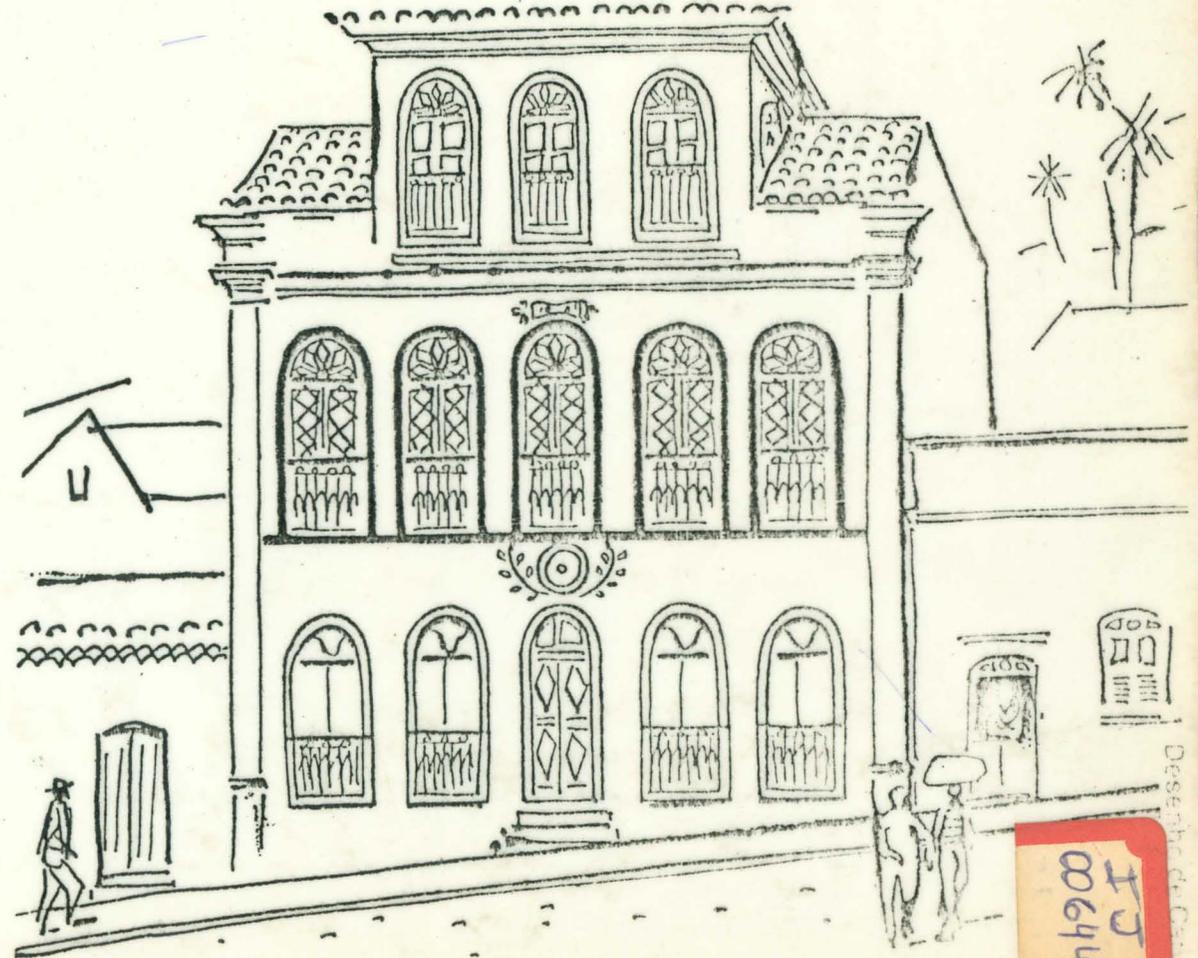
de 03 a 26/02/84

“Defender São Mateus da ruína do tempo e da incúria dos homens; restaurá-la, tanto quanto possível, no seu conjunto; preservá-la, como monumento insubstituível, é um dever nacional.
A independência e o progresso de um povo dependem da sua identidade cultural, e esta se mantém pela defesa dos seus valiosos testemunhos, como São Mateus é para o Brasil.”

Afonso Arinos de Melo Franco

“No momento em que a memória histórica brasileira é sepultada sob a avalanche da incompetência dos governos e a sede de lucro do grande capital, promover um encontro desse gênero equivale a resistir, a recompor pedra por pedra, canção por canção, lenda por lenda, a extraordinária aventura chamada civilização brasileira.”

Fernando Gabeira



ICJ
00644

711.4609815 2056-0
c 3574
5912/83
Q644



IV FESTIVAL DE VERÃO DO
PORTO DE SÃO MATEUS
DE 03 A 26/02/84



Manifestação artístico-cultural pelo resgate
mento, restauração, preservação e revitaliza
ção do Sítio Histórico do Porto de São Ma
teus e defesa da identidade cultural do povo
capixaba.



FICHA TÉCNICA

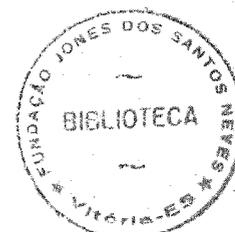
CENTRO CULTURAL PORTO DE SÃO MATEUS

ELABORAÇÃO

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

DATILOGRAFIA E EDIÇÃO

AGOSTO/83



REALIZAÇÃO

CENTRO CULTURAL PORTO DE SÃO MATEUS

ÍNDICE	PÁGINA
1.0. SÍNTESE HISTÓRICA	7
2.0. OBJETIVOS	27
3.0. JUSTIFICATIVAS	28
4.0. UTILIZAÇÃO DO CASARIO	30
5.0. DEPOIMENTOS	31
5.1. JORGE AMADO	32
5.2. AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO	33
5.3. JOSUÉ MONTELLO	34
5.4. FERNANDO GABEIRA	35
5.5. RUBEM BRAGA	36
5.6. CHICO BUARQUE DE HOLLANDA	37
5.7. ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS	38
5.8. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAFIA DO ESPÍRITO SANTO	39
5.9. MANIFESTO DOS DEPUTADOS	40
5.10. MANIFESTO DOS ARTISTAS CAPIXABAS	42
5.11. INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL-ES	47
6.0. SÍNTESE DO III FESTIVAL	48
6.1. LIVRETO DA PROGRAMAÇÃO	49
6.2. CARTAZ	50
6.3. RECORTES DE JORNAIS	51
6.3.1. Jornal do Brasil, 29/01/83	52
6.3.2. A Gazeta, 18/01/83	53
6.3.3. A Gazeta, 19/01/83	54
6.3.4. A Gazeta, 21/01/83	55
6.3.5. A Gazeta, 23/01/83	56
6.3.6. A Gazeta, 30/01/83	57
6.3.7. A Gazeta, 30/01/83	58

6.3.8. A Gazeta, 06/03/83	59
6.3.9. A Tribuna, 30/01/83	60
6.3.10. A Tribuna, 01/02/83	61
6.3.11. A Tribuna, 02/02/83	62
6.3.12. A Tribuna, 02/02/83	63
6.3.13. A Tribuna, 03/02/83	64
6.3.14. A Tribuna, 03/02/83	65
6.3.15. A Tribuna, 05/02/83	66
6.3.16. A Tribuna, 06/02/83	67
6.3.17. Redação, fevereiro/83	68
7.0. PROGRAMAÇÃO DO IV FESTIVAL	69
7.1. SHOWS DE MPB	70
7.2. FOLCLORE	71
7.3. LITERATURA	72
7.4. TEATRO	73
7.5. CINEMA	74
7.6. ARTESANATO	75
7.7. FOTOGRAFIA	76
7.8. CAPOEIRA	77
7.9. PRÊMIO PORTO DE SÃO MATEUS	78
7.10. PALESTRAS	80
7.11. ARTES PLÁSTICAS	82
8.0. PRODUÇÃO	83
8.1. SOM	84
8.2. ILUMINAÇÃO	85
8.3. MÃO-DE-OBRA	86
8.4. MATERIAL DE CONSUMO	87
8.5. SERVIÇOS TÉCNICOS	88
8.6. ARQUIBANCADAS	89
8.7. PALCO E CAMARINS	90
8.8. MATERIAL FOTOGRÁFICO	91
8.9. HOSPEDAGEM	92

8.10. TRANSPORTE	93
8.11. ALIMENTAÇÃO	94
8.12. COMBUSTÍVEL	95
8.13. CADEIRAS	96
9.0. DIVULGAÇÃO	97
9.1. CARTAZ	98
9.2. CAMISETAS	99
9.3. SONORIZAÇÃO VOLANTE	100
9.4. LIVRETO DA PROGRAMAÇÃO	101
9.5. FAIXAS	102
9.6. CENTRAL DE INFORMAÇÕES	103
9.7. FILIPETAS	104
9.8. IMPRESSOS EM GERAL	105
9.9. OUT-DOOR	106
9.10. MÍDIA	107
9.11. BOTÕES	108
9.12. JORNAL DO FESTIVAL	109
10.0. CAPTAÇÃO DE RECURSOS	110
11.0. PATROCÍNIO	111
11.1. IDENTIFICAÇÃO DO PATROCÍNIO	112
12.0. COLABORAÇÃO	113
12.1. IDENTIFICAÇÃO DA COLABORAÇÃO	114
13.0. APOIO	115
13.1. IDENTIFICAÇÃO DO APOIO	116
14.0. QUADRO DE CUSTOS	117

1.0. SÍNTESE HISTÓRICA

A 23 de maio de 1535 chegou ao seu feudo, concedido pelo Rei de Portugal, o donatário Vasco Fernandes Coutinho, dando ao mesmo o nome de Espírito Santo e iniciando, em seguida, o seu desbravamento.

As dificuldades encontradas pelo primeiro donatário fizeram com que, ele mesmo, enfrentasse os índios que reclamavam os domínios das terras, iniciando o tamanho da gleba, plantando, finalmente, as sementes trazidas. Os Aymorês e Tupiniquins esqueceram as divergências, que se alastravam por longos séculos, para lutar contra o branco invasor. As lutas explodiram em toda a Capitania, que transformou-se em ruínas, e os colonos ilhados pelos constantes ataques indígenas resolveram abandoná-la, subindo em direção da Capitania de Porto Seguro, e, encantados pela fertilidade da terra, entraram pelo rio Cricaré.

O dicionarista César Marques registrou "haver entrado um navio português pela barra, sem perigo dos navegantes, e que estes subindo pelo rio Cricaré, foram dar a esse lugar onde, encantados pela situação, abundância de peixes e fertilidade da terra assentaram vivência". Mas os ataques dos índios continuaram com igual frequência, o que levou o donatário a pedir ajuda a Mem de Sá, que despachou para acudir-lo, às pressas, seu filho, Fernão de Sá, com vinte anos de idade e com duzentos homens em duas caravelas. Transpôs, Fernão, a barra do Cricaré. Atacou os índios em duas arremetidas, venceu e demoliu as defesas indígenas, mas na terceira, quando Fernão pensava consolidar a vitória, foi surpreendido por um

enorme contingente indígena. Abandonado pelos companheiros, que fugiram assustados, perdeu a vida com uma flexada no pes coço.

O dever de súdito obrigou Mem de Sá enviar comovente carta a Lisboa: "por não deixar os moradores ir em pessoa, mandei Fernão de Sá, meu filho, com duas velas e perto de duzentos homens e em chegando à Capitania do Espírito Santo, entrou por conselho dos que consigo levava, pelo rio Cricaré, e foi dar em três fortalezas muito fortes, que se chamavam Ma riricú, donde o gentio fazia e tinha feito muito dano, e morto muito cristão, os quais rendeu com a morte de muito gentio, e ele morreu ali pelejando... dou graças a Deus por acabar Fernão, nesta jornada a serviço de Vossa Alteza". Mas se o dever de súdito ditou tal carta, os sentimentos de pai levaram-no a não receber os companheiros de seu filho morto em combate. E o próprio Mem de Sá montou uma forte esquadra com cerca de dois mil homens, chefiando as tropas pelo mes mo itinerário de Fernão. Os índios Aymorés deixaram os por tugueses passar para atacá-los pela retaguarda. Entretanto, Vasco Rodrigues, capitaneando um pelotão de portugueses e ín dios aculturados, havia ficado mais atrás propositalmente. Quando passou o primeiro pelotão os índios atacaram em mas sa, mas o segundo surgiu para sufocar o ataque, resultando no episódio chamado "Matança dos Aymorés", quando mais de cinco mil índios foram capturados e mortos.

Passaram-se os anos, até que, em 1583, num 21 de setembro, o padre José de Anchieta visitou a Aldeia do Cricaré, onde celebrou missa solene e denominou o lugar de Aldeia de São Mateus, por ser o dia do evangelista. O primeiro administra dor da Aldeia de São Mateus foi o padre Bartolomeu Simão Pe reira, que criou a Freguesia, e, em 1633, foi designado um sa cerdote para a região. Sucederam-lhe outros até que a Carta

Régia de 23 de março de 1751 a elevou à Paróquia na classe das "Coladas Perpetuamente".

A fama da riqueza da terra fez com que muitas famílias de Portugal mudassem para São Mateus. E para atender as reivindicações do povo, a Coroa, em 1760, mandou instalar o "Subsídio Literário", para que fosse ministradas aulas de línguas e primeiras letras. Com isso, Tomé Couseiro de Abreu, ouvidor da Capitania de Porto Seguro, transpôs os limites com a Capitania do Espírito Santo, baseando-se na Carta Régia de 14 de abril de 1755, pela qual o Capitão do Pará, Francisco Xavier de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, que instalou a Capitania de São José do Rio Negro, elevou a 15 de setembro de 1764 a Aldeia de São Mateus à categoria de Vila, com o nome de Vila Nova de São Mateus. Durante quase meio século, São Mateus pertenceu à Bahia, recebendo os mesmos cuidados das outras cidades, tendo início a influência na culinária, nas crenças e nos costumes. Até que o território foi reconhecido como espírito-santense, em 10 de agosto de 1823, com a intervenção de José Bonifácio de Andrade e Silva.

Nesse período, o Porto de São Mateus vivia os seus anos mais representativos, com o comércio marítimo intenso, o ciclo da farinha de mandioca criando o baronato dos barões de Aymorés e Timbohy, que foram os responsáveis pelo ciclo do café que sustentou o comércio até o final do século. Com a riqueza chegaram os arquitetos portugueses para edificar os grandes sobrados onde viveram as mais tradicionais e importantes famílias do Espírito Santo. Em meado do século, o sistema escravocrata, que foi um dos mais poderosos do Estado, se viu em apuros com as fugas dos negros das fazendas e o aparecimento de três quilombos, liderados por Benedito Meia-Léguas, Nego Rugério, Constância da Angola, Preto Bongo, Maria do Rosário dos Pretos, entre outros, que lutavam pela liber

tação da raça negra.

Com a libertação dos escravos o Porto iniciou o seu longo processo de decadência, mas, na verdade, quem entrava em decadência era toda a economia local com a falta da mão-de-obra barata dos escravos. No início do século XX, o desmatamento da Floresta Atlântica fez com que o Porto sonhasse com a prosperidade anterior, mas com o término da madeira, por volta de 1930, o velho e cansado Porto começou a ser invadido pelas prostitutas que transformavam aos poucos os imponentes sobrados da classe dominante local em luxuosos cabarês. Por quase meio século as "moças" preservaram o casario, até que foram expulsas, em 1968, quando o Porto iniciou o seu processo de destruição e abandono. Com isso, os moradores, intelectuais, artistas, jornalistas e o povo capixaba, passaram a cobrar o seu tombamento e preservação, mantendo atividades culturais e residências na tentativa de manter o Sítio Histórico do Porto de São Mateus em constante vigilância para preservar a história e a cultura do povo capixaba.

